

ala feminina
vanessa ribeiro rodrigues

Índice

Dedicatória ... 11

Prefácio ... 13

#notas prévias: Para refletir a condição humana ... 15

#nota zero: No princípio, a fronteira ... 17

Rio de Janeiro, Brasil, Penitenciária Talavera Bruce, Bangu ... 21

#nota um: Estação Central do Brasil, linha vermelha ... 23

I O que vejo pela noite severina? ... 31

Catarina ... 33

II Conta-me o teu sigilo ... 41

Joyce ... 43

III Ansiamos céu limpo ... 49

Soraia ... 51

#nota dois: Bangu-Central do Brasil ... 59

*Porto, Portugal, Estabelecimento Prisional Especial
de Santa Cruz do Bispo (Feminino) ... 63*

#nota três: Porto, Portugal, Estabelecimento
Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo ... 65

#nota quatro ... 71

#nota cinco: Caminhos e contributos
para continuar a história (2012) ... 73

IV Quem me vigia? ... 77

Margarida ... 79

Oeiras, Portugal, Estabelecimento Prisional de Tires (Feminino) ... 103

#nota seis: Tires, Chegar até aqui ... 105

V Heterotopia ... 109

Katherine ... 111

VI Além, fronteira ... 119

Lina ... 121

VII Aqui me detenho ... 127

Bárbara ... 129

VIII Ah o coração em galope ... 133

Alessandra ... 135

IX Tudo o que vejo, sinto ... 141

Claudia ... 143

#nota sete: Viajar para fazer poesia ambulante ... 149

#nota oito: Estabelecimento Prisional Especial
de Santa Cruz do Bispo, Perafita, Porto ... 151

X Este pensamento ... 155

Aurora ... 157

XI O que vejo? Esta luz? É luz? ... 173

Aida ... 175

#nota nove: 12h30 – 13h37,
EP Santa Cruz do Bispo ... **185**

XII *Amor na réstia de cólera ... 187*

Elis ... 189

XIII *E depois do alvor ... 197*

Agostinha ... 199

XIV *Não é ainda o final ... 207*

Rosa ... 209

XV *Esconde-te ... 217*

Mónica ... 219

XVI *Não me agarres, deixa-me ir ... 227*

Nádia ... 229

XVII *Sou Mónica, alva ... 239*

Glória ... 241

XVIII *Somos todas os átomos ... 251*

#nota dez: #17h47 ... **253**

#nota onze: No fim, carta branca para navegar
um território desconhecido ... **257**

Posfácio: Inspiremo-nos e inspiremos ... 261

Agradecimentos ... 267

*Dedico este livro a todas as mulheres,
sobretudo à minha mãe, o meu maior exemplo de resiliência,
generosidade, abnegação e amor.*

Prefácio

Este livro fala-nos de vidas!
Conta-nos Histórias. Histórias de mulheres.
Histórias de vidas de mulheres que em algum momento, por circunstâncias tantas vezes para elas incompreensíveis, se enredaram em complexos percursos que as transportaram para um mundo além das grades.

Mulheres distintas entre si. Tão diferentes de todas nós. Aparentemente. Só aparentemente.

Se virmos bem, se lermos bem, algo da essencialidade da dignidade do ser humano se mantém vivo e constante em permanente pano de fundo.

Apesar do desespero, da angústia da consciência do mal feito, da violência, dos sentimentos de culpa, de injustiça e de revolta.

Apesar dos caminhos tortuosos e opacos do sufocante quotidiano prisional.

Algo que nos faz acreditar ser possível a esperança. Ser possível a solidariedade. Ser possível a beleza. Ser possível a humanidade.

O mundo das prisões, que tão intensamente nos é transmitido por este livro, confronta-nos sempre e ainda com a eterna questão de saber se é (será?) possível aprender a viver em liberdade, restringindo a liberdade.

Cidadãos inteiros de sociedades livres, democráticas e tributárias dos direitos humanos, ainda não conseguimos, ainda não ousámos encontrar outras respostas para aqueles que, de entre nós, violam de forma grave os valores fundamentais à volta dos quais escolhemos congregar-nos.

Entretanto, construindo os caminhos possíveis da reinserção, há que acreditar no papel fundamental da cultura, do conhecimento e da partilha.

Por isso, devemos um obrigado à autora deste livro.

JOANA MARQUES VIDAL
LISBOA, 26 DE JANEIRO DE 2018

#notas prévias

*Para refletir
a condição
humana*

«A Terra é a própria quinta-essência da condição humana e, ao que sabemos, a sua natureza pode ser singular no universo, a única capaz de oferecer aos seres humanos um habitat no qual eles podem mover-se e respirar sem esforço nem artifício. O artifício humano do mundo separa a existência do Homem de todo o ambiente meramente animal; mas a vida, em si, permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o Homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos.»

A Condição Humana, Hannah Arendt

«Como filmar os figurantes? Como fazê-los aparecer enquanto atores da história? Como não se contentar em fazê-los passar por indistintas sombras vivas?»

Povos Expostos, Povos Figurantes,

Didi-Huberman

«O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos.
Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso
da importância. Pelo antônimo da evidência.
O mundo é salvo por um olhar.»

A Vida Que Ninguém Vê, Eliane Brum

«Precisamos de resolver os nossos monstros secretos,
as nossas feridas clandestinas, a nossa insanidade oculta.

Não podemos nunca esquecer que os sonhos,
a motivação, o desejo de ser livre nos ajudam
a superar esses monstros, a vencê-los e a utilizá-los
como servos da nossa inteligência.»

Vigiar e Punir, Michel Foucault

«Difícil fotografar o silêncio,
Entretanto tentei.»

Manoel de Barros

#nota zero

No princípio, a fronteira

«The you has already started at the border of my I.»

— K E T T Y L A R O C C A ¹

A primeira vez que entrei num estabelecimento prisional foi no Rio de Janeiro e o plano inicial falhou. Estava previsto entrar na prisão masculina de Bangu, através da ONG Afroreggae². Acabei no pátio da vizinha prisão feminina de Talavera Bruce.

Era novembro de 2010. Um verão esplendoroso na cidade maravilhosa. Termómetros a marcar 35 graus. Ao mesmo tempo, era inverno em Portugal e era o ano em que vários sismos abalaram o mundo. O ano Wikileaks e da grande crise financeira vivida pela Grécia,

¹ Ketty La Rocca (1938-1976) foi uma artista italiana. Conheci parte do seu trabalho em Londres, em 2016, a propósito da exposição de fotografia *Feminist Avant-garde of the 1970s*, na Photographer's Gallery.

² Organização não-governamental fundada em 1993. Tem como missão promover a inclusão e a justiça social através da arte, da cultura afro-brasileira e da educação entre jovens de camadas populares, em comunidades, denominadas favelas, e nas prisões, de forma a elevar a autoestima, criar alternativas de autossuficiência, afastando-os da influência do tráfico de drog: www.afroreggae.org/.

Islândia, Irlanda e Portugal. O ano do vulcão islandês que paralisou o tráfego aéreo europeu.

No Rio, um outro sismo tomava conta do abalo social. A política de Segurança Pública optara por uma intervenção militar no Complexo do Alemão, um conjunto de 13 favelas, com um total de 2,6 quilómetros quadrados e onde vivem 70 mil habitantes. A operação resultaria, dias depois, na rendição do denominado “poder paralelo”, devolvendo essa área ao controlo do Estado, há 30 anos sem pulso na região. A façção criminosa Comando Vermelho³ encetava, então, desde há duas semanas, ataques diretos na cidade, espalhando o medo e o terror. Queimavam carros e autocarros. Matavam. Inflamavam o medo na cidade. Rio a 50 graus. Falava-se de uma possível rebelião nas prisões, de onde vinham as ordens diretas das lideranças encarceradas.

Nessa altura, entrei precisamente na toca do lobo. Confidencio que há uma espécie de anestesia que nos domina, enquanto repórteres, contagiados por uma certa realidade paralela que nos é permitida ingressar pelo ofício jornalístico. É quase como um jogo de onde pensamos poder sair quando quisermos. E quando espreitamos pela fechadura, é impossível não querermos entrar.

Um dia depois de lá ter estado, noticiaria para o *Diário de Notícias* a existência de uma carta da façção criminosa que comprometia o trabalho do Afroreggae, bem como colocava em risco a vida de vários colaboradores, inclusive do líder José Junior, mediador entre a polícia e traficantes nessa época, juntamente com Rogério Menezes, pastor evangélico e meu anfitrião na prisão. Nesse novembro quente, poucos sabiam do meu paradeiro. A linha vermelha de acesso entre a cidade e a prisão estava sob a mira dos traficantes e eu acabara de a atravessar de táxi. Uma vez lá dentro, telemóvel desligado.

Um ano depois, voltaria a entrar na prisão, já em Portugal, a trabalhar para a rádio TSF, no Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo, para assistir ao ensaio da peça de teatro

³ Considerada uma das maiores organizações criminosas do Brasil. Criada em 1979 na prisão Cândido Mendes, em Ilha Grande, Rio de Janeiro, começou com a reunião de presos políticos e outros simpatizantes no cárcere, militantes de grupos armados, membros da Falange Vermelha.

Inesquecível Emília, encenada com mulheres reclusas, por Hugo Cruz, da Associação PELE⁴. A peça, que estreou em fevereiro desse ano, na prisão, resultara de uma pesquisa a partir das cartas que as mulheres escreviam. O impacto foi tão grande que elas chegaram a ir representar à Assembleia da República. No dia em que a Maria João Mota, cofundadora da Associação PELE, recebeu o convite, por telefone, eu estava com ela, a entrevistar a Natacha Lopes, na época a psicóloga responsável pelo processo de acreditação de competências das reclusas que participavam na peça. Estavam incrédulas e radiantes. Uma determinada mudança social começava a sentir-se.

Essa peça quebrara parte da fronteira entre *nós (lá fora)* e os *outros (dentro)*. Levou a sociedade civil à prisão. Por isso, desconcertou-me um pouco o facto de antes de o público entrar para o salão prisional, onde iria decorrer o espetáculo, o encenador Hugo Cruz ter de fazer a seguinte advertência: «Espero que todos vocês respeitem as mulheres que aqui estão presas, não são animais, nem isto é um espetáculo burlesco.» Levei alguns minutos a entender. Percebi mais tarde que há, ainda, muitos estereótipos e preconceitos em relação às mulheres que estão presas.

Ao longo da peça de teatro, revi-me no lugar daquelas mulheres. Empatia. A linha é invisível, a fronteira é social, enaltecida pelos muros, as grades. Estas inquietações empurravam-me, porém, a tentar desconstruir eventuais preconceitos desse universo de reclusão feminina. Foi neste contexto que propus à TSF uma reportagem mais alargada sobre o assunto: quem são as mulheres que estão em reclusão? Nesse fio condutor, fui até Tires e voltei, depois, ao Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo. As páginas que se seguem são o resultado de um trabalho silencioso, difícil e reflexivo, a partir do meu próprio percurso nessas alas femininas, para tentar transpor a fronteira. Todo o trabalho e toda a criação são

⁴ Estrutura artística do Porto, criada em 2007, que aposta na afirmação do teatro enquanto espaço privilegiado de diálogo e criação coletiva, norteando os processos de trabalho pelo princípio de colocar os indivíduos e as comunidades no centro da criação, potenciando processos de “empoderamento” individuais e coletivos e procurando o equilíbrio entre ética, estética e eficácia, assumindo a criação artística como uma alavanca para o desenvolvimento comunitário, social e económico, contribuindo para a coesão social e territorial (www.apele.org).

sempre um caminho para ficar mais perto. Como os acasos, parece-me, são a costura do que vamos dobando e costurando, fruto dos nossos próprios interesses e inquietações. Daquilo que nos marca, entenece, toca ou repulsa. Apercebo-me: regresso do outro lado do muro, com a certeza que todos nós somos potenciais caminhantes de uma ala feminina.

Vanessa Rodrigues, Echt, maio de 2014, e Porto 2017

RIO DE JANEIRO, BRASIL

Penitenciária Talavera Bruce, Bangu

#NOVEMBRO 2010

Morada: Estrada do Guandu do Sena, 1902, atualmente Bairro de Gericinó

Ano de inauguração: 1942

Território: 17.000 m², com 8000 m² de área edificada

Capacidade: 299 internas

Número de reclusas⁵: 375

Espaço: 7 galerias, uma destinada às internas grávidas, um Colégio Estadual Burle Marx, onde as internas podem frequentar os ensinos fundamental ou médio. Anexa à Penitenciária Talavera Bruce, está a Unidade Materno-Infantil, destinada a receber as presas que têm filhos durante o cumprimento da pena, juntamente com os seus filhos recém-nascidos. Na última visita realizada pelo Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate à Tortura, em fevereiro de 2014, havia 18 presas e 19 bebês.

⁵ ALERJ (2017). *Mulheres, Meninas e Privação de Liberdade*. Rio de Janeiro: Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate à Tortura do Rio de Janeiro. Disponível em <http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/sites/24/2016/03/Mulheres-Meninas-e-Priva%C3%A7%C3%A3o-de-Liberdade-no-Rio-de-Janeiro-010316.pdf>.

#nota um

Estação Central do Brasil, linha vermelha

23 de novembro de 2010

Acordo às 7h30. Da Urca, zona sul do Rio de Janeiro, sigo de autocarro até ao metro. Do metro para a Estação Central do Brasil. São 8h45. Levo uma mochila e lá dentro: um bloco de notas, telemóvel com *chip* brasileiro-carioca (DDD 21), caneta, gravador, microfone, pilhas, máquina fotográfica, carregador, lenços de papel, porta-moedas, barras de cereais, um lenço. Nas escadas rolantes da estação: mulheres de sacos pretos, homens de mochila, barba por fazer. À saída: cheiro a fritos, queijo de coalho, empada de frango, picolés. Gente de lá para cá, de cá para lá. Gente em sentido oposto, na diagonal. O caos da caminhada humana, desordenada.

Vem a primeira advertência:

— Cuidado, não fique parada nas galerias; caminhe rapidamente e olhe sempre para os lados. Ainda esta semana apagaram dois num assalto.

É a imposição do temor, onde se é carcerário desta sombra — e viver da sombra é agonia gástrica. Há no ar um rastilho de pólvora

pronto a eclodir, um sufoco apressado, mãos na mochila, na carteira, no telemóvel. A lembrança propalada de que não se é dono da vida. E ali, a intensidade do aviso serve como um carrasco que nos venda os olhos. É também este cheiro nauseabundo que a cidade maravilhosa tem: um lança-perfume perverso e intimidante, com odor a medo. Tão bela e tão impositivamente violenta, alerta iminente no corpo, de que não nos podemos distrair.

Apanho um táxi daqui. «Bangu?», pergunta o taxista. «O que vai fazer a Bangu com o que está a acontecer?», continua, incrédulo. «Vai visitar alguém?», insiste. Não lhe interessa, penso. Negócio: 80 reais e taxímetro desligado. Cerca de 25 euros. Ele liga o rádio e no ar: o repórter noticia os ataques, no dia anterior, a autocarros na chamada linha vermelha. É a RJ-071, oficialmente chamada de Via Expressa Presidente João Goulart, que liga os municípios do Rio de Janeiro e São João de Meriti, atravessando também o município de Duque de Caxias. Rasga três municípios, é o principal acesso ao Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro e à Ilha do Fundão para os habitantes da Baixada Fluminense e da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Corta diversas áreas carentes e é famosa pelos frequentes atos de violência, margeada por 18 favelas, onde o tráfico é rei e senhor.

Nas bermas da estrada: barracos de madeira e tijolo inacabados. Fios de eletricidade num labirinto que parecem ligamentos, articulações e músculos condensados de um corpo velho. Dezenas de motas a cortar o trânsito, segundo a segundo. Crianças de mochilas às costas e mãos dadas com mães, amas, tias, irmãs, avós, primas, amigas das amigas da mãe. Publicidade fajuta escrita nas paredes. Búzios, arranjos de carros, reparações, manicure, pedicure. São 38 quilómetros, uma hora e dez minutos de um Brasil que está a falhar e de um trânsito salve-se quem puder. O taxista está tenso. Confessa que, de todas as rotas, naquele momento, aquela era de evitar. Repete isto como um mantra. Diz que devia ter rejeitado o serviço. Atravessar a linha vermelha exatamente um dia depois dos ataques do Comando Vermelho nessa via? Depois há isto: alegadamente, é da prisão de Bangu que vêm as ordens das lideranças para os ataques na cidade. Como poderia eu adivinhar que estaria a caminho do inferno um dia depois? Ninguém desmarcou comigo. A ida mantinha-se. E eu já estava atrasada. Rogério, o

meu anfitrião, não atende o telemóvel. Tento várias vezes. E se eu estiver a ir em vão? O outro contacto que tenho é da Gabriela Hermes, assessora de imprensa do Afroreggae. Não atende. Rafael, o qual irá acompanhar-me, igualmente, assim que eu chegar, também não atende. Estou no vazio. Não consigo avisar que chegarei atrasada. Volto para trás? Continuo? Estamos parados no meio da Linha Vermelha. Ao lado está um autocarro que por dentro é uma mercearia com cebolas, batatas, bananas, mangas, feijão. Um autocarro-mercearia. O cenário não ajuda a pensar. O que fazer?

Chegamos. À porta do Complexo Penitenciário de Gericinó (Bangu), não consta o meu nome e não consigo contactar ninguém. Ninguém atende. É a fronteira, a cidade invisível: 17 mil presos, 26 unidades prisionais. Há alicerces a degradar-se, enferrujados. Nasceram em 1987. O táxi foi-se embora num ápice. O taxista disse-me para ter cuidado. Estou num cenário entre *Mad Max* e *O Ensaio sobre a Cegueira*, adaptado ao cinema pelo realizador Fernando Meirelles. É um não-lugar. Árido, ácido, com lixo ao redor à face da estrada da fúria. Parece o preâmbulo da Jornada do Herói. Algo vai acontecer. Vai?

10h13. À porta de Bangu, insisto. Falo no nome do Afroreggae e, de imediato, entram em contacto com alguém. Janaína Rodrigues? O mesmo sobrenome que o meu torna-nos próximas. Ela nasceu no bairro de Guadalupe, há vinte e sete anos, localizado na zona norte do Rio, que deve o seu nome à padroeira da América Latina. A ideia foi de Darcy Vargas, esposa do Presidente Getúlio Vargas. Janaína licenciou-se em Educação Física, mas decidiu depois estudar Serviço Social, trabalhar na Central Única de Favelas (organização da juventude que promove atividades culturais e sociais) e com o Afroreggae. Quer trabalhar com Segurança Pública. Porquê? Porque, quando tinha oito anos, foi abusada por um primo, contar-me-ia. Só quando cresceu e percebeu o que era a sexualidade, é que entendeu o que tinha acontecido. E só ganhou coragem para denunciar o caso há dois anos. Reuniu a família e contou. Diz que elaborou isso muito bem dentro dela e que não se revoltou. Usou o caso para o tornar numa missão para ajudar outras pessoas. É ela quem me vem buscar à porta. Alta, negra, cabelos de um liso impecável, cor de carvão, voz rouca e

despachada, repreensão no tom pelo meu atraso. Explico que tentei avisar e que ninguém me atendia. Normal: dentro da prisão não há telemóveis, avisa. Mudamos de ala, e eu fico confusa. Então, mas afinal, onde ela me vem buscar não é a entrada para Bangu? Anui com a cabeça, olha-me com cumplicidade de quem me manda ficar calada. Percebo que os planos mudaram e que deve ficar entre nós.

10h30. Rogério Menezes já está à minha espera na porta do outro lado. Está tenso, gesticula muito. O rosto moreno, duro, enrijece a cada respiração. Acabara de receber um telefonema. O diretor da prisão de segurança máxima de Bangu quer que eu entre. E garante que não há perigo. Rogério, ex-membro do Comando Vermelho, tem uma opinião diferente. O homem que hoje é pastor, o qual retirou gente do «Tribunal do Tráfico, prontos para serem queimados», como represália, envolvidos em pneus para não deixar rasto — a propalada técnica micro-ondas —, tem outro conselho para mim.

— Eu vou-te dizer, eles me adoram, gostam de mim para caramba, mas até eu entrando com você, não consigo garantir sua segurança. São 100 detentos para um agente tomar conta e é fechado. Já vi mais de dez rebeliões aí dentro. Eu sei, eu tô por dentro, eu já fui do Comando Vermelho. Então eu te aviso. É melhor você não entrar.

Estava tudo combinado para entrarmos. Iria conhecer o trabalho do Afroreggae no contexto prisional de Bangu. Iria falar com reclusos, alguns deles ligados ao Comando Vermelho. A ONG está há mais de uma década a atuar nesta cidade invisível. Mas nesse novembro quente, a ferro e fogo, com os nervos do Comando Vermelho em confronto com a polícia e ameaçando a segurança da cidade, tudo é pretexto para alguma coisa. E uma jornalista portuguesa em Bangu, para todos os efeitos com o rótulo internacional, na mesma cela que 100 reclusos, será “presa fácil, prato cheio”.

— Eles não vão fazer nada com você, tenho a certeza: iriam dar cafezinho, biscoitinho, mas para a televisão e para as autoridades, iriam dizer que vão matar você.

À medida que ele fala, eu já estou a gravar. Eu já saí do Rio de Janeiro a gravar. Há muita poeira ao redor. Clima seco. Lateja uma dor de cabeça. E Rogério está inquieto. Eu sossego-o e digo que confio nele. Não vou entrar. Quais são os planos? A prisão feminina é mais segura. Espero pela autorização para entrar. Há um cheiro metálico no ar. Sol a pino, abrasador. Toda a gente diz que uma jornalista não anda sozinha por aqui. Muito menos uma jornalista estrangeira. Não me sinto insegura. Estou anestesiada. Em momento algum me senti insegura. Janaína também vai entrar. Sou autorizada a “ingressar” na Talavera Bruce. Ouvem-se barulhos eletrônicos, uma cancela, um guarda antipático. Deixo a mochila com ele. Lá dentro o telemóvel. Tem de ser desligado. O agente repete a palavra “desligado” várias vezes. Quem me quiser contactar há de experienciar o pânico, como a minha amiga Ana Cláudia. Ligar-me-ia várias vezes durante esse dia.

O guarda torce o nariz quando retiro o meu gravador e a minha máquina fotográfica. E não posso entrar de caneta. Por isso não preciso do bloco de notas. As próximas cinco horas serão passadas num controlo apertado. Por fim autorizam o gravador e a câmara fotográfica, sob a condição de verem todas as fotografias no final. Vão-me confiscar as fotos, penso. Digo que sim porque sei que não posso dizer que não. aguardo numa sala mais de meia hora. Chega a diretora. Veste um conjunto de saia e casaco impecáveis. Unhas de um vermelho-vaído. Cabelo “chapinha”. Nova, desconfiada, blasé. Diz-me que suba. Pergunta-me o que pretendo fazer, qual a matéria, qual o enquadramento, que tipo de perguntas farei, para que fim, qual a tiragem do jornal, qual a visibilidade da rádio. Bombardeia-me de perguntas sobre as minhas intenções com o material a registar. Só terei 15 minutos com cada reclusa, avisa, contundente. Poderei falar com cinco. Depois reduzem para três. E estou com sorte. Vou poder almoçar na cantina com os funcionários da prisão e colaboradores. São 11h45 e é melhor almoçar já, porque ali almoça-se cedo. Para isso, sou “convidada” a deixar o gravador e a máquina fotográfica, na sala da diretora, no cacifo, pois não estou autorizada a circular com eles fora do contexto de entrevistas. Pergunto por que razão o rigor e o cerco? Nota mental: O que quererão esconder?

Ela diz-me que são regras da casa. Porém, antes de me revista-rem, para garantir que realmente deixei a máquina fotográfica e o gravador, apercebo-me de que a diretora está a oferecer um almoço a uma jornalista e a um repórter de imagem de uma cadeia de televisão sobejamente conhecida, na sala do seu escritório. Ouço risos e amenidades. E sinto uma espécie de segregação. É uma sensação agreste, como o vazio do pátio feminino. O almoço serve-se único: massa com carne panada e salada. Pão. Água. Ambiente de cantina popular. Paredes rachadas, esverdeadas, luz natural a tentar penetrar nas janelas viradas a poente. Barulho de tabuleiros e pratos e copos, e vozes misturadas.

12h30. A Talavera Bruce tem capacidade para 338 reclusas. Começou a ser construída na década de 1930, para cumprimento de penas das mulheres presas que até àquele momento cumpriam pena numa ala distinta da masculina, na Penitenciária Central do Distrito Federal. Juntamente com o Sanatório instalado ao lado, foi inaugurada oficialmente em 1942. A sua administração esteve até 1955 entregue aos cuidados das freiras da Congregação D'Angers. Em 1966, a Penitenciária de Mulheres tornou-se uma unidade autónoma. Tal como Rose, que passeia de um lado para o outro no pátio das mulheres. É Janaína quem me diz quem ela é: líder das mulheres ali dentro e «foi dona da favela Vigário Geral». Veste t-shirt branca, tem os braços largos e o peito avantajado, andar firme, pisando cimento armado. «Ninguém mexe com Rose, qualquer problema que há aqui ela resolve.» É uma história que comove muito Janaína. «Porque a própria mãe, a própria família incentivava Rose a ser criminosa, a traficar, ela era dona de tudo, e uma mulher faz tudo pela família. Rose não teve outra opção.»

Tento falar com Rose. Não lhe apetece falar comigo. Mais tarde faço uma pesquisa sobre ela na internet. Resultados: Rose Peituda era o “apelido” desta chefe do Comando Vermelho não só em Vigário Geral.

Em 2010: «Quadrilha de Rose Peituda denunciada pelo Ministério Público

(...) Rose Peituda é apontada como chefe do tráfico no Morro do

Barbante. Ela teria atuado na organização da estrutura criminosa local após a expulsão de uma milícia pelo 17.º BPM (Ilha do Governador) e a morte de seu companheiro, André Luiz dos Santos, o André Negão.»⁶

Em 2012: «Organizou a venda de crack, maconha e cocaína no Rio de Janeiro, conquistou a admiração de bandidos do mais alto calibre e se tornou uma das criminosas mais procuradas do estado.»

Em 2013: Entrevista⁷ concedida à jornalista Marília Gabriela. «Traficante de drogas, chefe de quadrilha, mandona, durona e respeitada. Rose passou um total de 12 anos presa. (...) É mãe de três filhos e avó de quatro netas. (...) Há dois meses ela juntou-se ao Afroreggae, a conhecida ONG que promove a inclusão social através da arte e da educação e Rose está começando uma vida nova, preparando-se para conseguir um emprego, coisa que ela nunca teve.»

Catarina também me falará dela. Senta-se no canteiro do pátio. Guia-me com o olhar, como quem convida a sentar. Atrás dela há flores: rosas bravas, cravejadas de espinhos.⁸

⁶ Blogue de jornalismo policial de Roberto Trindade: <https://robertatrindade.wordpress.com/2010/09/10/quadrilha-rose-peituda/>.

⁷ https://www.youtube.com/watch?v=U_wgMUQ9In4.

⁸ <http://delas.ig.com.br/comportamento/2012-11-14/rose-peituda-entrevista.html>.